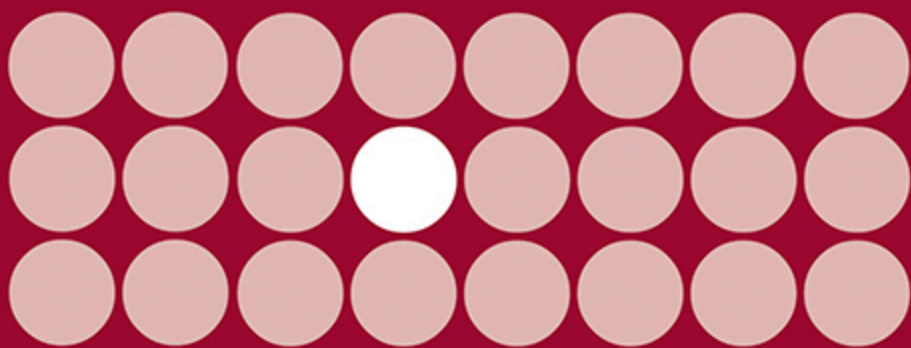


Ester

Introdução e comentário

Joyce G. Baldwin



CONTEÚDO

PREFÁCIO GERAL	6
PREFÁCIO DA AUTORA	7
PREFÁCIO À EDIÇÃO EM PORTUGUÊS	8
ABREVIATURAS PRINCIPAIS	9
INTRODUÇÃO	
O lugar da narrativa nas Escrituras	11
A exatidão histórica deste livro	14
Características literárias	21
Gênero literário	28
Teologia	32
Texto e versões de Ester	37
Data em que foi escrito	43
A condição canônica de Ester	44
ANÁLISE	47
COMENTÁRIO	49
NOTAS ADICIONAIS	
O Jejum	73
“Vingar, vingar-se, vingança” (heb. <i>nāqam</i>)	90
Porções (heb. <i>m'nôl</i>)	101
Ester e os judeus	105
APÊNDICE	
As adições gregas	108

PREFÁCIO GERAL

O alvo desta série de comentários é equipar o estudante da Bíblia com um comentário conveniente e atualizado sobre cada livro, ressaltando-se, em primeiro lugar, a exegese. As questões críticas de maior importância se discutem nas introduções e notas adicionais, mas detalhes técnicos desnecessários foram evitados.

Nesta série, os autores individuais são, naturalmente, livres para fazer suas contribuições distintivas, e para expressar seu próprio ponto de vista sobre todas as questões controversas. Dentro dos limites necessários do espaço, freqüentemente chamam a atenção para interpretações que eles pessoalmente não sustentam, mas que representam as conclusões declaradas de colegas crentes sinceros.

O livro de Ester é uma história singular e vívida acerca das lutas de um povo em minoria e sua crença. Não obstante, muitas pessoas ainda o criticam pela ausência do Nome Divino e por aspectos do nacionalismo e vingança que ele retrata. A autora encara este e outros assuntos com honestidade, e vê Deus operando nos interesses pessoais e nacionais. Como resultado, tem-se um comentário sensível, cheio de detalhes cuidadosamente pesquisados, que iluminam os panos-de-fundo cultural e histórico, os quais enfatizam o valor espiritual e literário do livro. Joyce Baldwin também nos fornece novas visões e apresenta-nos lições aplicáveis em qualquer época de turbulência.

No Antigo Testamento, especialmente, nenhuma tradução é suficiente, por si mesma, para refletir o texto original. Os autores destes comentários, portanto, citam livremente várias versões, ou oferecem sua própria tradução, na tentativa de tornar significantes em nossos dias as passagens ou palavras mais difíceis. Quando há necessidade, palavras do Texto Massorético hebraico (e aramaico) que subjazem estes estudos são transliteradas. Desta maneira, o leitor que talvez não tenha familiaridade com as línguas semíticas, será ajudado a identificar a palavra sob discussão, podendo assim, acompanhar o argumento. A cada passo nestes comentários, pressupõe-se que o leitor tem à mão uma boa versão da Bíblia em português, ou até mais.

Há sinais de um interesse renovado no significado e na mensagem do Antigo Testamento, e espera-se que esta série venha a promover o estudo sistemático da revelação de Deus, da Sua vontade e dos Seus caminhos, conforme se vêem nestes registros. É a oração do editor e da publicadora, como também dos autores, que estes volumes ajudem muitas pessoas a compreenderem a Palavra de Deus e a corresponderem a ela hoje.

D. J. Wiseman

PREFÁCIO DA AUTORA

Foi no fim da década de 1960 que comecei a aplicar a mente ao livro de Ester, tendo sido convidada para contribuir com subsídios acerca de Rute e Ester para o *The New Bible Commentary Revised* (O Novo Comentário da Bíblia Revisado). Nunca me preocupei com o fato de ser coincidência ou não o terem sido atribuídos à única colaboradora mulher esses dois livros que têm nomes femininos. Certamente fiquei muito feliz em poder pesquisar acerca destes livros de valor, pelos quais desde então passei a dedicar um amor especial, e agradeço ao editor da Série Tyndale por me ter convidado para escrever este comentário.

As notas ao rodapé revelam que me tornei devedora a muitas pessoas durante o processo de familiarização com muitos aspectos fascinantes deste livro de Ester. Em particular eu gostaria de expressar o quanto devo ao "Trinity College", de Bristol, por me ter dado permissão para usar a sua biblioteca, agora que não o posso fazer mais por direito.

Em geral usei o texto da Bíblia na "Revised Standard Version" (em português, a versão usada com mais frequência neste comentário é a de Almeida Revista e Atualizada), a não ser que seja indicado de outra forma.

Joyce Baldwin

PREFÁCIO À EDIÇÃO EM PORTUGUÊS

Todo estudioso da Bíblia sente a falta de bons e profundos comentários em português. A quase totalidade das obras que existem entre nós pecam pela superficialidade, tentando tratar o texto bíblico em poucas linhas. A *Série Cultura Bíblica* vem remediar esta lamentável situação sem que peque, de outro lado, por usar de linguagem técnica e de demasiada atenção a detalhes.

Os Comentários que fazem parte desta coleção *Cultura Bíblica* são ao mesmo tempo compreensíveis e singelos. De leitura agradável, seu conteúdo é de fácil assimilação. As referências a outros comentaristas e as notas de rodapé são reduzidas ao mínimo. Mas nem por isso são superficiais. Reúnem o melhor da perícia evangélica (ortodoxa) atual. O texto é denso de observações esclarecedoras.

Trata-se de obra cuja característica principal é a de ser mais exegética que homilética. Mesmo assim, as observações não são de teor acadêmico. E muito menos são debates infundáveis sobre minúcias do texto. São de grande utilidade na compreensão exata do texto e proporcionam assim o preparo do caminho para a pregação. Cada Comentário consta de duas partes: uma introdução que situa o livro bíblico no espaço e no tempo e um estudo profundo do texto a partir dos grandes temas do próprio livro. A primeira trata as questões críticas quanto ao livro e ao texto. Examinam-se as questões de destinatários, data e lugar de composição, autoria, bem como ocasião e propósito. A segunda analisa o texto do livro seção por seção. Atenção especial é dada às palavras-chave e a partir delas procura compreender e interpretar o próprio texto. Há bastante "carne" para mastigar nestes comentários.

Esta série sobre o A.T. deverá constar de 24 livros de perto de 200 páginas cada um. Os editores, Edições Vida Nova e Mundo Cristão, têm programado a publicação de, pelo menos, dois livros por ano. Com preços moderados para cada exemplar, o leitor, ao completar a coleção, terá um excelente e profundo comentário sobre todo o A.T. Pretendemos, assim ajudar os leitores de língua portuguesa a compreender o que o texto vetero-testamentário de fato diz e o que significa. Se conseguirmos alcançar este propósito seremos gratos a Deus e ficaremos contentes porque este trabalho não terá sido em vão.

Richard Sturz

ABREVIATURAS PRINCIPAIS

AB	<i>The Anchor Bible: Esther</i> por Carey A. Moore, 1979.
AJSLL	<i>American Journal of Semitic Languages and Literature.</i>
ANET	<i>Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament</i> por J. B. Pritchard, ² 1955, (³ 1969).
ATD	<i>Das Alte Testament Deutsch.</i>
ARA	Almeida Revista e Atualizada.
ARC	Almeida Revista e Corrigida.
AV	Versão Inglesa Autorizada da Bíblia ("King James"), 1611.
BA	<i>The Biblical Archaeologist.</i>
bab.	babilônio.
BDB	<i>Hebrew-English Lexicon of the Old Testament</i> por F. Brown, S. R. Driver e C. A. Briggs, 1907.
Berg	<i>The Book of Esther</i> por Sandra Beth Berg, 1979.
BJ	A Bíblia de Jerusalém.
CB	<i>The Cambridge Bible: Esther</i> por A. W. Streane, 1907.
CBQ	<i>Catholic Biblical Quarterly.</i>
CeB	<i>The Century Bible (Série nova): Ezra, Nehemiah and Esther</i> por L. H. Brockington, 1969.
CSCB	Comentários da Série Cultura Bíblica.
EB	<i>The Expositor's Bible: Esther</i> por W. F. Adeney, 1893.
esp.	especialmente.
EVV	Versões inglesas.
GNB	Good News Bible: Versão em Inglês na Linguagem de Hoje, 1976.
heb.	hebraico.
HPE	<i>History of the Persian Empire</i> por A. T. Olmstead, 1948.
HUCA	<i>Hebrew Union College Annual.</i>
IB	<i>The Interpreter's Bible: Esther</i> ; Vol. III, por B. W. Anderson, 1954.
IBD	<i>The Illustrated Bible Dictionary</i> , 3 vols., 1980.
ICC	<i>International Critical Commentary: Esther</i> , por L. B. Paton, 1908.
IDB	<i>The Interpreter's Dictionary of the Bible</i> , 4 vols., 1962.
IOT	<i>Introduction to the Old Testament</i> por R. K. Harrison, 1970.
JBL	<i>Journal of Biblical Literature.</i>

JNES	<i>Journal of Near Eastern Studies.</i>
JSOT	<i>Journal for the Study of the Old Testament.</i>
LB	<i>Lingüística Bíblica.</i>
LOT	<i>Introduction to the Literature of the Old Testament</i> por S. R. Driver, 81909.
LXX	Setuaginta (versão grega pré-cristã do Antigo Testamento).
mg.	margem
MS	manuscrito.
NBC	<i>New Bible Commentary</i> (terceira edição) editado por D. Guthrie, J. A. Motyer, A. M. Stibbs e D. J. Wiseman, 1970.
NDITNT	<i>O Novo Dicionário Internacional de Teologia do N.T.</i> , editado por Colin Brown, 4 volumes, 1981-1984.
NEB	The New English Bible; Antigo Testamento, 1970.
NIV	New International Version, 1978.
NPOT	<i>New Perspectives on the Old Testament</i> editado por J. Barton Payne, 1970.
OTA	<i>Old Testament Abstracts.</i>
PCB	<i>Peake's Commentary on the Bible</i> (edição revista) editado por M. Black e H. H. Rowley, 1962.
PIOT	<i>Introduction to the Old Testament</i> por Robert H. Pfeiffer, edição britânica, 1952.
RSV	American Revised Standard Version, 1952.
RV	English Revised Version, 1881.
SBL	Society of Biblical Literature.
SEA	<i>Svensk Exegetisk Arsbok.</i>
TB	<i>Tyndale Bulletin.</i>
TBC	<i>Torch Bible Commentary: Esther</i> por G. A. F. Knight, 1955.
TM	Texto Massorético.
TOTC	<i>Tyndale Old Testament Commentary.</i>
v.g.	verbi gratia (por exemplo)
VT	<i>Vetus Testamentum.</i>
VTS	<i>Vetus Testamentum Supplement.</i>
ZAW	<i>Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft.</i>

INTRODUÇÃO

Todo mundo gosta de histórias. Se ela conta a vida dos nossos ancestrais, apresenta-os sob uma boa luz e evidencia uma providência divina operando para conseguir a sua sobrevivência, ela tem um impacto ainda mais forte. Todas estas condições se encontram no livro de Ester. Embora não haja menção da providência de Deus, não obstante ela desempenha um papel proeminente, e pode mesmo dar a esse livro a sua razão de ser. A reversão dramática de um destino desastroso que parecia determinado a apagar da face da terra toda a raça judaica impressionou o escritor de tal forma que ele se aplicou com todos os seus poderes artísticos para expressar esses fatos por escrito, e o seu relato fascinou de tal modo os leitores judaicos que esse livro se tornou um “best seller” e foi traduzido em muitas línguas e publicado em muitas edições variantes. Ele continua a ser o favorito número um das comunidades judaicas, e é lido em família todos os anos, durante a Festa de Purim, como é o costume tradicional através dos séculos. Os cristãos, pelo contrário, não têm sabido bem o que fazer deste livro. Devido a sua própria natureza, ele levanta, tanto para intérpretes judeus como cristãos, interrogações a respeito da parte desempenhada por esta narrativa nas Escrituras. Parece que as leis e as advertências proféticas são mais fáceis de se interpretar, porque apresentam ordens expressas que devem ser obedecidas, mas uma história pode não conter tais diretrizes. O objetivo inicial de uma narrativa, afinal de contas, é cativar e manter o interesse dos ouvintes.

I. O LUGAR DA NARRATIVA NAS ESCRITURAS

As várias parábolas usadas por Jesus em Seus ensinamentos devem nos alertar para as muitas vantagens da narração de histórias sobre os estilos mais acadêmicos de expressão de uma verdade. A Bíblia destina-se a pessoas comuns, que não julgam absorventes os pensamentos abstratos e, muito menos, os conceitos teológicos. Contudo, elas gostam de uma boa estória, e se identificam rapidamente com os seus personagens e os seus dilemas, e querem sa-

INTRODUÇÃO

ber como ela termina. O jovem Hudson Taylor, estando sem atividade e enfadado, pegou um folheto, por falta de coisa melhor que fazer. Pretendendo desligar-se antes de chegar à moral da história, ele se surpreendeu envolvido e dominado pela sua mensagem.¹ É desta maneira que as histórias da Bíblia nos apanham com a guarda baixa, e penetram em nossas defesas. Tendo captado a nossa imaginação, uma estória pode “decolar” e, como uma semente plantada em solo apropriado, começar uma vida própria na mente do leitor. A linguagem figurada sublinha a necessidade de absorver a história na mente, e não apenas ouvi-la de modo superficial, pois o seu significado está muito abaixo do nível da superfície.

Uma das características marcantes da narrativa bíblica é a sua qualidade vivencial de personagens e ação. “Os escritores bíblicos moldam os seus personagens com uma individualidade complicada, algumas vezes fascinante, muitas vezes ferozmente insistentes, porque é na obstinação da individualidade humana que cada homem e cada mulher encontra Deus ou ignora-O, responde ou resiste a Ele”.² Não que esse caráter seja plenamente delineado, pois em geral o texto é conciso e seletivo. No entanto, a própria seletividade enfatiza o seu objetivo. Esses escritores bíblicos conheciam a natureza humana, mas também conheciam o seu Deus e, portanto, tinham uma razão urgente para escrever.

Pode não estar fora de ordem discorrer por um momento, a fim de considerar o ato de se escrever narrativas seculares, e o que ele pode alcançar. O romancista sério, que tenha sensibilidade para com os problemas do mundo, sondando-os com o objetivo de diagnosticar o que está ocorrendo, coloca-se em uma boa posição para permitir que os outros percebam as verdades que ele viu. William Golding, por exemplo, em *Lord of the Flies* (Senhor das Moscas) apresenta de maneira muito comovedora verdades desagradáveis a respeito da natureza humana. Os mesmos conceitos, expressos de forma dogmática, provocam objeções e teimosa resistência, embora os garotos escolares que se tornam líderes auto-nomeados sejam dolorosamente familiares. Quando no fim “Ralph chorou pelo fim da inocência... a escuridão do coração do homem, e a queda através do ar do amigo sábio e verdadeiro chamado Piggy”, o leitor chora com ele. Seja qual tenha sido a intenção do autor, ele deixa o leitor sem nenhuma ilusão quanto à condição decalada da natureza humana. De fato, ele demonstra que a nossa condição é tão desesperadora, que o leitor fica anelando por algum escape dessa situação sem esperança, mas não é a intenção de Golding nesta novela apontar o remédio. Todavia, é importante ver que esse

-
1. A. J. Broomhall: *Hudson Taylor and China's Open Century. I: Barbarians at the Gates.* (Hodder and Stoughton and Overseas Missionary Fellowship, 1981), pp. 350-352.
 2. Robert Alter: *The Art of Biblical Narrative* (George Allen and Unwin, 1981), p. 189.

novelista atinge algo que o pregador não consegue alcançar facilmente, a saber, a convicção de pecado como o grande fato da humanidade. A história teve sucesso onde declarações diretas, embora saudadas por assentimento, podem não convencer.

Esta verdade é colocada em termos acadêmicos por James G. Williams: "A narrativa bíblica representa uma forma dinâmica de pensar, cujas propriedades estéticas sustentam e incrementam o processo de se chegar ao conhecimento".³ Em outras palavras, as histórias levam a um aprendizado mais fácil. Apresentadas com arte e perícia, elas nos capacitam a entrar na vida de outras pessoas e a aprender da sua experiência, conquanto que o ambiente retratado seja suficientemente semelhante ao do leitor para que haja identificação de interesses. Nesse caso, um sorriso de reconhecimento ou, em caso contrário, um suspiro seguido de uma reação irada indica que, no fundo, a história encontrou ressonância. A parábola de Natã é um caso característico; o profeta pode virar a mesa contra Davi e dizer: "Tu és o homem" (II Sm 12:7).

Inquestionavelmente, portanto, as parábolas podem ser muito eficientes para despertar a consciência para um mal cometido, mas encoberto.

O livro de Ester, todavia, não é uma parábola. Pelo contrário, narra um incidente que tem muitas marcas de autenticidade, de historicidade, embora certos aspectos da narrativa muitas vezes tenham sido considerados improváveis para terem acontecido na vida real. O autor também tem sido acusado de exagerar em alguns detalhes. A fim de apreciar o seu livro, precisamos entender o seu objetivo ao escrevê-lo e, se possível, descobrir se ele estava relatando um incidente que realmente aconteceu, tanto quanto um habitante das Ilhas Britânicas em 1940 poderia contar a história da Batalha da Bretanha, impressionado com a extraordinária libertação que teve lugar. O estilo literário não precisa ser o de um livro de história. Inevitavelmente, certas características serão ressaltadas pelo escritor devido à sua importância, e ele será tão seletivo quanto os seus meios de comunicação o exigirem. Portanto, os aspectos literários são importantes para se chegar à mente do autor. Como escreveu Martinho Lutero: "Estou persuadido de que sem perícia em literatura, a teologia genuína não pode permanecer... A notável revelação da Palavra de Deus nunca ocorreria se em primeiro lugar ele não tivesse preparado o caminho mediante a redescoberta das línguas e ciências".⁴ Idealmente precisa existir também a redescoberta da literatura que pertence à região e ao período de onde vem o nosso livro, e da capacidade de lê-lo e avaliá-lo, pois os modelos literários da Europa Ocidental com muito pouca probabilidade terão o melhor guia para um livro provindo da

3. J. G. Williams: *Women Recounted: Narrative Thinking and the God of Israel* (Almond Press, Sheffield, 1982), p. 15.

4. Em sua carta a Eoban Hess, 29 de março de 1523. Citado por A. C. Thiselton; "Understanding God's Word Today", em *Obedying Christ in a Changing World* de John Stott (ed.) (Collins Fountain Books, 1977), p. 99.

INTRODUÇÃO

Ásia, datado de séculos antes de Cristo. O fato de alguns estarem disponíveis é motivo de agradecimento, embora isso também requeira aventuras em território desconhecido. A arqueologia também tem uma contribuição a fazer à cena circundante.

II. A EXATIDÃO HISTÓRICA DESTE LIVRO

Seja qual for o gênero literário que um autor adote para a sua obra, seja ele de poesia, drama, historieta ou novela, se ele escolhe um tema histórico, sabe que precisa aceitar como imutáveis os acontecimentos básicos. Ele pode ter certa liberdade no que tange às motivações, mas o escritor de Ester não desenvolve este tema. À semelhança dos seus correlatos modernos, ele precisou enfrentar os seus críticos em relação à profundidade da sua pesquisa e da maneira como ele usou os dados históricos aceitos na época. Observar a exatidão histórica da sua obra é tarefa legítima e necessária, e não prejudica a questão do gênero literário.

Todavia, há várias características de obra histórica na maneira como o livro de Ester é narrado, tais como a frase inicial em hebraico: *way^{ehi}*: “Ora, veio a acontecer...” (AV, RV). Seguem-se detalhes da época e do lugar da ação: nome do monarca reinante, extensão do seu império e ano do seu reinado no começo da história. A estes, acrescentam-se outros detalhes circunstanciais, à medida que a trama se desenvolve, e no fim o leitor é remetido a um livro-texto para verificação e estudo ulterior (10:2). Desta forma, o autor apresenta a sua obra como se fosse história, embora esta seja a espécie de informação que deveríamos esperar que ele incluísse, mesmo que estivesse compondo uma novela histórica.

a. A monarquia persa

Os eventos deste livro tiveram lugar, assim nos diz o escritor (1:1), no reinado do Rei Assuero (486-465 a.C.) que é mais conhecido pelo seu nome grego, Xerxes.⁵ Ele foi filho e sucessor de Dario I Hystaspes, no começo de cujo reinado teve lugar a restauração do Templo de Jerusalém (Ag 2:1-9; Zc 7:1; 8:9). Este foi completado em 516 a.C. O decreto de Ciro havia permitido a volta de cativos da Babilônia para Jerusalém em 539, bem no começo do período persa. Comparativamente poucos judeus haviam se aproveitado da oportunidade de retornar, quer nessa, quer em ocasiões posteriores, e sessenta anos

5. As versões gregas identificam o rei persa como Artaxerxes, e outros nomes também foram sugeridos, mas, à luz das evidências dos monumentos, agora se concorda geralmente que a pessoa é Assuero/Xerxes.

mais tarde grande número de judeus permanecia na metade oriental do império persa, muitos deles em cidades imperiais da própria Pérsia. Pouco se sabe a respeito deles, a não ser a evidência propiciada pelo livro de Ester, e a breve referência ao reinado de Assuero em Esdras 4:6, que propicia evidência independente da oposição aos interesses judaicos. Porém, a despeito da hostilidade, houve judeus que se elevaram a posições de influência, como havia acontecido com Daniel durante o século anterior na corte de Nabucodonosor (Dn 2:48). Havia algo totalmente adequado a respeito da elevação ao poder de pessoas que honravam o único Deus verdadeiro, no contexto de uma cultura estrangeira, embora essas pessoas sofressem como consequência da sua lealdade a Ele. No livro de Ester é introduzido um novo elemento ao tema do sofrimento. Os judeus foram atormentados porque se conservaram para si mesmos, observando as suas próprias leis e costumes (3:8). A partir disto tornou-se fácil acusá-los de desprezar as leis do estado persa, fosse ou não verdadeira essa acusação. Não há razão para se duvidar de que, naquela época como agora, tal atormentação era um fato experimental (cf. Lv 19:33-34).

A este respeito, contudo, tem sido chamada a atenção para a benevolência dos governantes persas, e levando este dado em conta, pensa-se ter sido improvável que Assuero teria aceito a sugestão de Hamã de destruir toda uma parte da população (3:9). Carey A. Moore, por exemplo, expressa a necessidade de material epigráfico mais específico para atestar a existência de massas organizadas contra os judeus "em um império acaemênio que quanto a outros aspectos demonstrou-se tolerante".⁶ Embora não haja razão para se duvidar da opinião geralmente aceita de que Ciro, o Grande, fundador da dinastia acaemênia, tenha sido um governante sábio e benevolente, recentemente foi indicado que as evidências oriundas do Cilindro de Ciro devem ser consideradas como elogios padronizados. Este é um texto mesopotâmico típico, encontrado em edificações, onde o governante é sempre retratado como "bom".⁷ O objetivo do texto era recomendar o rei ao deus cujo templo estava sendo restaurado, neste caso Marduque de Babilônia, e aos povos conquistados, como guardião fiel das tradições veneradas. A idéia de que os sucessores de Ciro eram tão humanitários e benevolentes como ele o fora, foi demonstrada por Amelie Kuhrt como bisonha. Ela indica que políticas tolerantes logo se invertiam quando se suspeitava de qualquer atividade subversiva. "Note a destruição de Babilônia... por Xerxes depois de revoltas na Babilônia, na primeira parte do seu reinado."⁸

6. "Archaeology and the Book of Esther", *BA* 38 (1975), p. 180.

7. Amelie Kuhrt: "The Cyrus Cylinder and Achaemenid Imperial Policy", *JSOT* 25 (1983), pp. 83, 88. Para uma fotografia a cores desta famosa inscrição, veja *IBD* I, p. 353.

8. *Art. cit.*, p. 94. Em uma nota ao rodapé, Kuhrt acrescenta: "A condição modificada da Babilônia em relação aos acaemênios depois disto reflete-se no fato de que nenhum rei persa depois do quarto ano do reinado de Xerxes ostentou o título de "Rei de Babilônia".

COMENTÁRIOS BÍBLICOS DA SÉRIE CULTURA BÍBLICA

Os comentários da Série Cultura Bíblica foram elaborados para ajudar o leitor a alcançar uma compreensão do real significado do texto bíblico.

A introdução de cada livro dá às questões de autoria e data um tratamento conciso, embora completo. Isso é de grande ajuda para o leitor, pois mostra não só o propósito de cada livro como as circunstâncias em que foi escrito. É também de inestimável valor para professores e estudantes que buscam informações sobre pontos-chaves, pois aí se vêem combinados o mais alto conhecimento e o mais profundo respeito com relação ao texto sagrado.

Veja a riqueza do tratamento que o texto bíblico recebe em cada comentário da Série Cultura Bíblica:

- Os comentários tomam cada livro e estabelecem as respectivas seções, além de destacar os temas principais.
- O texto é comentado versículo por versículo.
- São focalizados os problemas de interpretação.
- Em notas adicionais, as dificuldades específicas de cada texto são discutidas em profundidade.

O objetivo principal dos comentários é buscar o verdadeiro significado do texto da Bíblia, tornando sua mensagem plenamente compreensível.